

**Estudo sobre as paisagens culturais das comunidades
quilombolas Altos dos Bois e as possibilidades do
desenvolvimento da atividade turística**

***Study about cultural landscapes in the communities of Altos
dos Bois and the possibilities of the tourism activities
development***

Sidney Daniel Batista

Mestrando em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil

E-mail: sidneydaniel13@gmail.com

Viviane Cristina Paula

Bacharel em Turismo pela Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM, Diamantina/MG, Brasil

E-mail: vivianecpdtna@yahoo.com.br

Artigo recebido em: 15-08-2014

Artigo aprovado em: 26-12-2014

RESUMO

Este trabalho se propõe a lançar um olhar sobre as paisagens culturais nas comunidades de Alto dos Bois, Córrego do Engenho e Barra do Capão, situadas no município de Angelândia/ Minas Gerais, analisando seu papel nos recentes processos de afirmação da identidade cultural, para isso utilizamos as categorias conceituais de análise da Geografia Cultural e da Etnogeografia para analisar paisagens relacionadas com o processo de obtenção de visibilidade pelos núcleos quilombolas domiciliados no Vale do Jequitinhonha. A Fazenda Alto dos Bois constitui importante sítio histórico-cultural regional, já tendo sido reportado nos relatos de viajantes e cronistas europeus que percorreram a região tendo como base a categoria de análise Paisagem foi adotado como procedimentos metodológicos: pesquisa bibliográfica e documental; reconhecimentos de campo. Conclui-se que o processo hoje vivenciado por tais comunidades, remete consolidação de paisagens culturais emergentes, tal como visualizadas por correntes marxistas heterodoxas da Geografia Cultural contemporânea. Observa-se que o interesse pela interação com o Turismo parte hoje das próprias comunidades.

Palavras-Chave: Populações Tradicionais. Comunidades Quilombolas. Paisagens Culturais. Vale do Jequitinhonha.

ABSTRACT

This work proposes to have a look at the cultural landscapes in the communities of Alto dos Bois, Córrego do Engenho e Barra do Capão, located in the municipality of Angelândia / Minas Gerais, analyzing their role in the recent processes of affirmation of cultural identity, for it conceptual categories of analysis of Cultural Geography and ethnogeography was used to analyze landscapes related to the process of obtaining visibility by Maroons cores domiciled Jequitinhonha Valley. The Farm Alto dos Bois is an important regional cultural-historical site, has already been reported in the accounts of European travelers and chroniclers who visited the region based on the category of landscape analysis has been adopted as instruments: bibliographical and documentary research; recognition field. We conclude that the process experienced by these communities today, consolidation refers emerging cultural landscapes as viewed by heterodox Marxist currents of contemporary Cultural Geography. It is observed that the interest in the interaction with tourism now part of the communities themselves.

Keywords: Traditional Populations. Quilombo Communities. Cultural Landscapes. Jequitinhonha Valley.

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem como foco investigar as paisagens culturais na comunidade de Alto dos Bois, Angelândia, localizada no Vale do Jequitinhonha–MG. A investigação procurará desvendar os processos socioculturais e etnopolíticos, vivenciados pela comunidade, juntamente com a ressignificação de núcleos quilombolas no Vale do Jequitinhonha, tendo como referência as comunidades de Alto de Bois, Córrego do Engenho e Barra do Capão, comunidades oficialmente reconhecidas como quilombolas, pela Fundação Palmares, em 2010.

A comunidade de Alto dos Bois é definida pela Fundação Cultural Palmares como uma “Comunidade Afrodescendente Remanescente das Comunidades dos Quilombos”. Em termos históricos a fazenda transformou-se em marco histórico regional (do século XVIII), relacionado principalmente à instalação, aí, do posto policial de Alto dos Bois. E encontra-se na fazenda, um cemitério construído por portugueses cristãos e utilizado pelas comunidades existentes nas circunvizinhanças (hoje: Minas Novas, Capelinha e Turmalina). A sede da fazenda, marco de maior destaque na paisagem, devido à sua importância histórica, arquitetônica, e também, pelo fato de ainda ser utilizada como residência pela família proprietária do terreno, congrega ainda um rico acervo patrimonial de bens e utensílios.

Hoje a prefeitura de Angelândia vem buscando estabelecer parcerias com os municípios vizinhos do Alto do Jequitinhonha, através da AMAJE (Associação dos Municípios da Microrregião do Alto Jequitinhonha), para o desenvolvimento de um programa de turismo que possa contemplar os interesses do município e possibilitar que se materialize o “sonho” de reconhecimento, valorização e viabilização do Polo Turístico de Alto dos Bois. Neste sentido, foram realizadas reuniões com representantes do Circuito Turístico das Pedras Preciosas, no qual o município supracitado está inserido, e que virou o acoplamento deste circuito a Rota da “Estrada Real”, visando estabelecer o desenvolvimento da região aliando o tripé Paisagem, Turismo e as Comunidades quilombolas do Vale do Jequitinhonha.

O trabalho utilizou como procedimentos metodológicos, pesquisas bibliográficas e documentais, sistematização e contextualização das informações primárias e secundárias obtidas *in loco*, em seguida, realizou-se a análise e interpretação críticas dos conceitos e temas investigados, ressaltamos que neste trabalho, apresentamos alguns dados preliminares da pesquisa.

2. A CATEGORIA PAISAGEM

A paisagem sempre constituiu um conceito chave na construção teórica e metodológica da geografia, sendo uma das categorias de análise mais tradicionais desta ciência. Segundo Claval (2002) as paisagens desempenharam um papel importante na Geografia. De fato, a paisagem, pela complexidade de relações e processos que nela se inserem, permite a realização de estudos focados em diversos aspectos. E sabe-se que apesar deste conceito estar bastante assimilado pela geografia, os significados dos termos se diversificam e se tornam mais complexos conforme a necessidade de quem o elabora e aplica; e assim sendo a paisagem é uma categoria conceitual que pode ser interpretada e utilizada de várias maneiras. Meneses (2002) aponta que a polissemia¹ da palavra revela o caráter “movediço” do tema. Assim sendo, neste estudo abordaremos a paisagem em seu caráter essencialmente cultural.

A ideia de paisagem é ambígua e sujeita a ter múltiplas interpretações. Os geógrafos interessados nessa categoria desenvolveram uma “maneira de ver”, uma forma de organizar e compor o mundo externo em uma “cena”, com seus elementos materiais e imateriais, de acordo com suas concepções teórico-metodológicas (Almeida, 2013). Para a geografia, a paisagem é um conceito-chave, ou seja, um conceito capaz de fornecer unidade e identidade em um contexto de afirmação da disciplina, sendo um conceito discutido ao longo da história do pensamento geográfico. Assim podemos definir a paisagem como:

O resultado da combinação dinâmica, portanto instável, em uma determinada porção do espaço, de elementos físicos, biológicos e antropológicos, os quais, reagindo dialeticamente, uns sobre os outros, fazendo dela um conjunto único e indissociável em perpétua evolução. A paisagem deve ser encarada como um fenômeno em constante mutação seja ela natural ou social, através da qual é possível perceber a realidade de uma localidade (Bertand apud CASTRO, 2004, p.27).

Nessa perspectiva, a paisagem deve ser encarada como uma combinação entre diversos fatores que agem simultaneamente e forma uma porção única no espaço, ela é um fenômeno em constante transformação, seja natural ou social. Dessa maneira a discussão sobre paisagem na Geografia passou a ser revestida de novos conteúdos, devido à ampliação dos horizontes explicativos da disciplina com a incorporação de noções como percepção, imaginário e simbolismo.

¹Polissemia é a propriedade que uma mesma palavra tem de apresentar vários significados.

A paisagem é simultaneamente uma marca, uma geo-grafia, que é impressa pela sociedade na superfície terrestre, e ao mesmo tempo estas marca são matrizes, ou seja, constituem a condição para a existência e para a ação humana. Se por um lado ela é vista por um olhar, pelo outra ela determina este olhar. Neste caso a paisagem passa a ser objeto fundamental da Geografia, como é apresentando a seguir:

A paisagem geográfica é vista como um conjunto de formas naturais e culturais associadas em uma dada área é analisada morfológicamente, vendo-se a integração das formas entre si e o caráter orgânico ou quase orgânico delas. O tempo é uma variável fundamental. A paisagem cultural resulta da ação, ao longo do tempo, da cultura sobre a paisagem cultural (Correa & Rosendahl 1999, p.9).

Assim a paisagem tem uma identidade que é baseada na constituição reconhecível, limites e relações genéricas com outras paisagens. Sua estrutura e função são determinadas por formas integrantes e dependentes. A paisagem é considerada, portanto, em certo sentido, como tendo uma qualidade orgânica. (Sauer, 1998). O que fica mais claro quando o autor nos fala da aplicação do método morfológico é a agregação e ordenamento dos fenômenos como formas que estão integradas em estruturas de estudo comparativo dos dados dessa maneira organizados constituem o método morfológico de síntese, um específico método empírico (Castro 2004).

Um dos expoentes da Geografia Cultural contemporânea, Denis Cosgrove, demarca, que há culturas dominantes (as que exercem uma hegemonia cultural), e culturas subdominantes ou alternativas, não apenas no sentido político, mas também em termos de sexo, faixa etária e etnicidade. A cultura dominante procura produzir paisagens formatadas de acordo com sua imagem de mundo e tornar essa imagem aceita como realidade de todos, enquanto as paisagens alternativas seriam produzidas por grupos não-dominantes, e, portanto teriam menos visibilidade (Cosgrove, 2012).

Para Cosgrove (2012), a paisagem, é uma nova maneira de ver o mundo, como uma criação racionalmente ordenada, cuja estrutura e mecanismos são acessíveis à mente humana. Entender e interpretar a paisagem implica, pois, em uma visão de mundo de quem o faz. Se considerar a paisagem, na concepção da geografia cultural, é evidente que ela diz respeito a nossa posição na natureza, sua elaboração se dá pela percepção e pela razão humana e sempre esteve ligada à cultura.

Para Berque (1998) a paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação, ou

seja, que canalizam, em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza.

Assim, a paisagem é um conceito unicamente valioso para uma geografia efetivamente humana. Ao contrário do conceito de lugar, lembra-nos sobre a nossa posição no esquema da natureza. Ao mesmo tempo, paisagem lembra-nos que a geografia está em toda parte, que é uma fonte constante de beleza e feiura, de acertos e erros, de alegria e sofrimento, tanto quanto é de ganho e perda (Cosgrove, 2012).

Neste contexto, em nossa abordagem da categoria de análise, entendemos que a paisagem pode ser utilizada na construção ou na preservação das identidades dessa maneira nota-se a relevância de se estudar a **paisagem cultural**.

3. A CAMINHO DA DEFINIÇÃO DE PAISAGEM CULTURAL

Partimos do princípio que o sentido de identidade de muitas coletividades sociais está ligado às paisagens da lembrança e da memória, e assim sendo, podemos considerar que a paisagem não se apresenta apenas como um reflexo do funcionamento passado ou presente da sociedade. As relações emocionais entre a paisagem e o observador devem ser, portanto, também serem analisadas. E o papel da paisagem nas estratégias de poder e de dominação também deve ser explorado.

Nesta perspectiva, a paisagem emerge como o resultado de uma dada cultura que a modelou, expressando-a em seus diversos aspectos funcionais e simbólicos. E dessa forma, valendo-se das contribuições oferecidas pelo humanismo e pela fenomenologia ao abarcar os estudos sobre o mundo vivido, é que se podemos discutir as questões de ordem cultural valorizando a intervenção humana na paisagem.

Assim sendo através da renovação da Geografia Cultural, na década de 1970, os aspectos subjetivos e imateriais da cultura passaram a atrair, assim, mais interesse e ter maior destaque, principalmente, através de enfoques adotados e vinculados à fenomenologia e simbologia.

Assim, a paisagem cultural é um meio natural ao qual o ser humano imprimiu as marcas de suas ações e formas de expressão, resultado em uma soma de todos os testemunhos resultantes da interação do homem com a natureza e, reciprocamente, da natureza com o homem, passíveis de leituras espaciais e temporais.

Toda a paisagem é sempre cultural, uma vez que, mesmo não havendo interferência física significativa do ser humano aí, ele lhe atribui valores e significados. A paisagem é um

elemento constitutivo dos processos identitários e oferece pistas materiais que permitem perceber seu caráter histórico. E também nesse contexto vale ressaltar, que os estudos de comunidades tradicionais ganham destaque no âmbito da Geografia atualmente.

É relevante assinalar, por outro lado, que as transformações políticas, em curso, no planeta, certamente justificam (como destacou o Comitê Editorial do periódico *Géographie et Cultures* em 1992), a atenção renovada que os geógrafos estão atribuindo às dimensões cultural e social, inclusive reconhecendo que as realidades culturais na organização do espaço foram certamente subestimadas no passado.

Novas pesquisas vêm surgindo da necessidade, ou mesmo conveniência, de certos grupos, até então ocultos, indistintos dentro do complexo sociocultural regional (e vivendo um processo de “desterritorialização aparente”), em reassumir sua identidade étnica. E é neste contexto que as comunidades afrodescendentes, que optaram longamente por ocultar suas identidades étnicas, hoje, aparentemente, rompem com uma “lógica da invisibilidade” e a reassumem, no contexto contemporâneo (Deus, 2012).

Neste novo contexto sociocultural, as comunidades tradicionais, passam a vivenciar uma nova dinâmica social, pautada na valorização das diferenças. Vale ressaltar, a propósito, que embora se detectasse até recentemente, uma tendência ao desaparecimento das singularidades culturais do mundo tradicional, oriunda do avanço da globalização, através de “erosão das diferenças culturais”, o que se verifica atualmente no mundo, é o envolvimento cada vez maior das sociedades com as questões identitárias.

Ademais, a retomada cultural e a emergência de “contra-projetos” colocados pelos grupos étnicos, culturais e religiosos (com as quais o mundo se depara atualmente), vêm sendo problematizadas extensivamente na teoria social, além de exercerem considerável influência do cenário político e social contemporâneos (Rodrigues, 2013).

Adotando a perspectiva de Cosgrove, assumiremos que as comunidades quilombolas, constituem, no momento histórico particular que vivenciamos uma Paisagem Cultural Emergente, que seriam aquelas capazes de oferecer um desafio à cultura dominante, a partir de seu sistema geográfico e simbólico, concebendo uma nova perspectiva/alternativa de reprodução sociocultural (Rodrigues, Op. Cit.). Segundo Cosgrove (2012), está na essência de uma cultura emergente oferecer um desafio à cultura dominante, uma visão de futuros alternativos possíveis.

Neste contexto, destacamos que o Vale do Jequitinhonha é uma região de grande concentração de comunidades quilombolas, devido às extensas explorações do ouro e do diamante. O Vale do Jequitinhonha é uma das regiões de formação territorial e identidade

cultural mais marcantes do estado de Minas Gerais. Observamos aí, uma realidade social e cultural densa e contraditória, os quais se manifestam em diferentes recortes territoriais e admitem toda uma trama interna de relações com o espaço vivido, que se encontram por sua vez, imbricadas com a constituição, de paisagens culturais particulares.

4. UM OLHAR SOBRE O VALE DO JEQUITINHONHA

No Jequitinhonha produz-se rico e prestigiado artesanato (cerâmica, tecelagem, cestaria, esculturas em madeira, trabalhos em couro, bordados, etc.). A arte se manifesta aí em música, artesanato, culinária, folclore e religiosidade, mantendo vivas as tradições locais. Por outro lado, os municípios do vale apresentam graves problemas de saúde, saneamento, educação e transporte. Na região o meio ambiente vem sendo sistematicamente agredido, comprometendo gravemente seus recursos hídricos. É uma região climaticamente marcada pela acentuada sazonalidade, típica da faixa tropical brasileira, aqui agravada pela irregularidade pluvial da região semiárida (Gontijo, 2001).

Para Nogueira, Knauer, , Henriques, e Nogueira, (2007), o Jequitinhonha é uma região de contrastes, possuindo rico patrimônio histórico e cultural, mas caracterizando-se, por outro lado, por precárias condições de saúde, saneamento e educação (agravadas por impactos relacionados à disposição de rejeitos da mineração, resíduos sólidos urbanos, etc.). Nessa perspectiva, Almeida, Vargas e Mendes (2011, p. 29), ressaltam com muita pertinência que:

O geógrafo atual não estuda mais apenas a paisagem como realidade objetiva como Humboldt o fez no século XIX. O seu olhar dirige-se para perceber a paisagem carregada de sentido, investida de significados por aqueles que vivem nela ou que a descobrem.

O Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva – (CEDEFES)² enfatiza, a propósito, que há inúmeros problemas causados pela degradação ambiental, por exemplo, nos territórios quilombolas do Vale do Jequitinhonha. De acordo, com esta organização não-governamental “as atividades de monocultura, mineração, hidrelétricas e de pecuária no entorno e dentro dos territórios tradicionais quilombolas comprometem as práticas comuns”

² Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva, ONG que tem tido ativa presença nas principais articulações e frentes de luta em prol dos excluídos do campo em Minas Gerais, como as lutas dos atingidos por barragens, os movimentos pela reforma agrária, as iniciativas tomadas no campo da agricultura familiar, as lutas das comunidades quilombolas, etc.

como a pesca, a caça, a coleta de raízes e frutos, entre outras, “que transitam nas esferas da cultura e da subsistência das comunidades” (Santos & Camargo, 2008, p. 82).

Por vezes estigmatizada por visões científicas reducionistas e parciais que visualizaram unicamente sua crítica situação ambiental e econômica (que se reflete nos baixos indicadores sociais), a região caracteriza-se, entretanto, por grande vitalidade cultural, como têm registrado recentemente, diversos pesquisadores. Para a pesquisadora Soares (2000, p. 17):

O Jequitinhonha é “um vale de muitas culturas” onde segmentos sociais particulares exercem crescente protagonismo político, etc., a exemplo das comunidades afrodescendentes que hoje vão progressivamente se reterritorializando e se assumindo (ou se resignificando) como populações tradicionais e núcleos quilombolas. Vale ressaltar que estes agentes vão forjando nesse processo *novas territorialidades*, e vão também, permanentemente requalificando a dinâmica social regional.

Assim sendo as populações tradicionais não apenas lutam para resistir contra os que as exploram, dominam e estigmatizam, mas também lutam por uma determinada forma de existência, um determinado modo de vida e de produção, por diferenciados modos de sentir, agir e pensar. Cuja identidade se define por uma referência histórica comum, construída a partir de vivências e valores partilhados. E é sobre essa perspectiva que se tem a formação de uma identidade étnica imbricada a uma relação de pertencimento (Rodrigues, Deus, Barbosa, 2013), dessa maneira as comunidades quilombolas do Vale do Jequitinhonha, possuem referência ao passado histórico evidenciado conforme os apontamentos a seguir:

Através da manutenção de práticas tradicionais de dança (como o “Curiango” de Moça Santa, da música, dos tambores - ou o ofício de fabricá-los em Macuco), de musicalidade (como as “bandas de taquara” em Quilombo e Santo Antônio dos Moreiras), de arte culinária (através do preparo de comidas típicas e alimentos tradicionais - como biscoitos típicos da região (por exemplo: as broas de fubá assadas na palha de milho, o requeijão moreno, a canjiquinha) e outras). Em Alto dos Bois, as “reminiscências” desse passado se refletem na paisagem, com a presença do casarão histórico; com a manutenção na memória coletiva regional de histórias de escravos e índios a ele relacionados, com a realização de danças (como a folia de reis, o nove, o caboclo, o vilão...), com a preservação na dieta local de alimentos tradicionais, etc (Rodrigues, Deus Barbosa, 2013. p.5).

Neste contexto, acredita-se que a comunidade de Altos dos Bois localizada, no Vale, no município de Angelândia, apresentam características culturais marcantes em que a Fazenda

Alto dos Bois representa um importante sítio com vestígios, testemunhos materiais, da vida sociocultural dos diferentes grupos sociais que ali viveram. Também a edificação é um importante elemento cultural, pois mantém seu caráter original com elementos típicos da vida rural no sertão mineiro.

Desse modo, a Fazenda pode ser considerada um bem de valor arquitetônico e etnográfico e de valor histórico-arquitetônico, e ao mesmo tempo, estabelecendo sua relação com a história da região.

5. COMUNIDADE DE ALTO DOS BOIS

A comunidade está localizada no município de Angelândia, Alto Vale do Jequitinhonha, no nordeste de Minas Gerais, possui extensão territorial de aproximadamente 185.210 km² e cerca de oito mil habitantes, de acordo com dados do IBGE (2010). As principais atividades econômicas locais são a produção de café e a pecuária.

Um dos sítios geográficos onde o patrimônio cultural regional (composto por aspectos naturais, históricos e arquitetônicos) integra-se e materializa-se na paisagem cultural (que poderia ser caracterizada como residual, na ótica de Cosgrove), da Fazenda Alto dos Bois (tombada como Patrimônio Público Municipal pela Lei n.º 058/ 1999, aprovada em 06/ 07/ 1999 na Câmara Municipal).

A aldeia do Alto dos Bois foi um “posto militar” que tinha por finalidade dar proteção aos viajantes, garimpeiros e fazendeiros portugueses que viviam, transitavam e exploravam a região e, principalmente, dar cobertura aos encarregados da Colônia de receber o ouro dos mineradores que exploravam as minas.

O lugar onde se estabelecera a grande aldeia nas cabeceiras do Mucuri transformou-se na região onde foi estabelecido, no ano de 1814, um quartel ou divisão militar de fronteira, de acordo com as táticas de guerra ofensiva ordenadas pela Carta Régia expedida em 1808 por D. João VI. A localidade, conhecida no século XIX como Alto dos Bois, situava-se próximo de Minas Novas, importante vila mineradora no período. Afirma-se que essa companhia de Dragões era estacionada em Alto dos Bois, ponto estratégico e divisor de águas dos Rios Doce, Mucuri e Jequitinhonha, todos vertentes em direção à Bahia (Prefeitura Municipal de Angelândia, 2010).

Quase todos os naturalistas estrangeiros que percorreram o território mineiro incluíram Alto dos Bois em seu roteiro ou, pelo menos, colheram informações em Nossa Senhora do

Bom Sucesso das Minas do Fanado (Minas Novas) sobre o aldeamento dos Macunis e as atividades do Quartel na repressão aos Botocudos do Rio Doce, muitas vezes declinando visitas à Capelinha. Os estudos antropológicos mais relevantes são dos franceses Auguste de Saint-Hilaire e Alcides D'orbigny, e dos alemães: Emanuel Pohl, Von Spix e Von Martius.

Destacamos em nossa abordagem os relatórios de Auguste Saint-Hilaire, dentre os naturalistas, foi o que relatou de forma minuciosa a aldeia e a forma de apropriação que era feita daquele espaço. Em Alto dos Bois, Saint-Hilarie conversou com Antonio Gomes Leal e com o Comandante do Quartel, João de Magalhães, sobre suas respectivas atividades de civilização dos índios Macunis e combate aos Botocudos.

A situação de Alto dos Bois é uma das mais vantajosas do interior da província de Minas. De um lado, os cultivadores têm um caminho magnífico até a Vila do Fanado, que certamente um dia se tornará uma pequena cidade importante e pelo lado oposto, poderão se comunicar com o mar, quando a civilização ou extinção dos Botocudos o permitirem (...). Não é necessário dizer quanto uma tal temperatura deve ser favorável a uma cultura variada. O milho, o trigo, o algodão, a uva, a cana-de-açúcar, dão-se admiravelmente nesse lugar, bem como até mesmo pés de cõffea(...). Enquanto que nas florestas que se estendem do Rio de Janeiro a Barbacena, a até nos campos artificiais de Catas Altas, Vila do Príncipe, etc, não se obtém das vacas senão um leite quase insípido, o Alto dos Bois poderia rivalizar com o melhor da Europa e aos queijos desse mesmo lugar são igualmente de gosto muito agradável.(Hilaire, 1975, p.217).

Encantou-o, portanto, o clima salubre do local e a qualidade das terras. Os relatórios de Auguste Saint-Hilaire continuam sendo os mais minuciosos quanto à aldeia e a apropriação que era feita daquele espaço.

Já o naturalista alemão Emanuel Pohl, em sua viagem à região, empreendida no início do século XIX, destacou as dificuldades para se chegar à região e registrou ainda a localização da aldeia e as características do casarão, como pode ser observado no relato abaixo:

Este Edifício, formado apenas de barro e coberto de palha de palmeira, possui várias divisões e tem uns 20 e poucos metros de comprimento. Uma esteira de palha faz o papel de porta. Foi-me concedido uma das divisões. Em regra o número de soldados aqui estacionados é de 25, sob o comando de um Furriel, que é ao mesmo tempo comandante da aldeia. A sua missão é dirigir os índios que ali moram e defender a aldeia de intrusão dos Botocudos hostis (Pohl, 1976, p.361).

As paisagens que configuram o patrimônio cultural da Fazenda Alto dos Bois, não se restringem àquelas contidas dentro dos limites da propriedade, pois a sua relação com as comunidades adjacentes permanece até hoje. A importância cultural da fazenda pode ser verificada na fala e atitudes de membros de comunidades rurais próximas (como Santo Antônio dos Moreiras).

Em um contexto atual, a partir do levantamento desse patrimônio cultural pela prefeitura municipal em 1999, e das iniciativas destinadas a transformar o sítio em **Reserva Ecológica e Patrimônio Cultural**. Foram resgatadas as lendas, mitos e tradições locais (como festas, grupos musicais), além da utilização de instrumentos e/ ou utensílios característicos do seu cotidiano e, ligados à história e cultura (Prefeitura Municipal de Angelândia, 2000).

As motivações para a construção de um centro de referência da cultura local em Angelândia surgem no contexto da necessidade de criação de um sentimento de cidadania local. Outro motivo para uma proposição nesse sentido foi à tomada de consciência, referente ao elevado grau de devastação das matas nativas da região oriunda das lavouras de café, o que sinalizou a necessidade de preservação de alguns segmentos residuais do bioma na região, embora o grande povoamento das “grotas” tenha levado o poder público a limitar a área de preservação à Fazenda Alto dos Bois propriamente dita, por ser uma área ainda pouco ocupada.

Procurando ativar o sentimento de cidadania (no sentido da valorização e ainda, tombamento dos patrimônios culturais do município), viabilizou-se nesse contexto, o desenvolvimento de uma atividade turística com um recorte histórico, cultural e ecológico na região e que, poderia inclusive, abrir caminho para o desenvolvimento de outras formas de trabalho e lazer *in loco*.

Vale ressaltar que a criação do parque ecológico e o reconhecimento como patrimônio cultural do sítio do Alto dos Bois agregariam à região um valor etnoambiental e ecoturístico, propiciando novas possibilidades para população local na perspectiva da sustentabilidade cultural-processo que paralelamente poderia permitir/ propiciar a inserção dos núcleos quilombolas num processo de etnodesenvolvimento. O lugar poderia se transformar conseqüentemente em foco de programas de educação ambiental e patrimonial direcionados a, por exemplo, aos estudantes de vários graus de ensino.

6. A POSSÍVEL INSERÇÃO DO TURISMO SOB O OLHAR DA COMUNIDADE DE ALTO DOS BOIS

O desenvolvimento da atividade turística em Alto dos Bois pode propiciar a contemplação de elementos da cultura, aliado aos seus aspectos culturais, devido à experiência que a atividade turística oferece, com o intuito de preservar sua integridade.

Para Coriolano, Leitão e Vasconcelos (2009, p. 37), por sua vez, a tendência de aproximação do diálogo entre os campos da Cultura e Turismo é:

Fruto das sociedades ditas pós-modernas ou pós-industriais, as quais produzem novas representações sociais menos marcadas pelas imagens mercadológicas e mais voltadas aos valores culturais, às identidades, aos sentimentos de pertença, ao poder dos mitos e à carga de simbolismo dos indivíduos e das comunidades consideradas destinos turísticos. A nova mentalidade compreende a atividade turística como rica e diversa cadeia simbólica capaz de reinventar territórios, criar novas sociabilidades e estabelecer novas solidariedades.

Outros autores têm discutido as dimensões do turismo, da sustentabilidade e do Meio Ambiente (Grunewald, 2002; Seabra, 2003). Scannavino Netto e Oliveira (2008) identificam, por sua vez, no ecoturismo uma oportunidade para o desenvolvimento “sustentável”, embora outros autores, a exemplo de Vigna (2006) alertem para as contradições inerentes aos projetos “ecoturísticos”, decorrentes do desinteresse dos seus empreendedores em promover a participação da população local na sua definição/ gestão.

Hoje há uma maior preocupação com os impactos que o Turismo pode causar, buscando meios que ele possa desenvolver de forma mais sustentável. A sustentabilidade é a conservação tanto da parte cultural como da parte natural do lugar, onde está ocorrendo a atividade turística para que no futuro outras pessoas possam também usufruir desses recursos, por meio do desenvolvimento do turismo.

Para Swarbrooke (2000, p. 19), entende-se Turismo Sustentável como: “formas de (práticas do) turismo que satisfaçam hoje as necessidades dos turistas, da indústria do turismo e das comunidades locais, sem comprometer a capacidade das futuras gerações de satisfazerem suas próprias necessidades”. Essa preocupação com a integridade ambiental e social começou a surgir a partir do momento em que as pessoas exploravam os recursos naturais e culturais sem uma preocupação e conscientização em relação à sua conservação.

Nessa perspectiva, acredita-se que para ser completo, o desenvolvimento deve manter pesos iguais ou similares para aspectos como o meio ambiente, a sociedade e, também, a

economia. “Devemos nos esforçar por desenhar uma estratégia de desenvolvimento que seja ambientalmente sustentável, economicamente sustentada e socialmente incluyente” (Sachs, 2004, p. 118).

Assim sendo, ainda de forma ainda preliminar apresentamos algumas considerações, dos moradores das Comunidades Quilombolas, sobre o turismo. Os dados foram coletados através da aplicação de questionários com cidadãos da comunidade quilombola de Córrego do Engenho, Alto dos Bois e Barra do Capão, assim destacamos que:

Para os moradores, a região possui um potencial turístico, em especial turismo cultural e ecoturismo e o poder público local está buscando iniciativas para desenvolvimento da atividade turística. Buscamos em um primeiro momento identificar o que a comunidade entende por turismo. Percebe-se que a comunidade possui uma noção do que seja a atividade turística, onde as respostas foram satisfatórias: *“O visitante vim pra cá para ver a estrutura da nossa cidade”, “Pessoas que vem de fora para passear” “Fazer uma viagem” “Localidades onde existe alguma história ou acontecimento que reúne pessoas que gostam de recordar esta história” “Gente de outras cidades” “Pessoas que vem de fora” “Sair de um lugar e conhecer outro”*.

Outra questão levantada foi o que os moradores de Altos dos Bois pensam sobre um possível o aumento de turistas, na comunidade. Foi constatado que a maioria dos entrevistados gostariam que aumentasse o número de turistas, visualizada da seguinte forma: *“Pois iria ajudar a desenvolver o município, traria mais oportunidades para se conhecer gente nova” “Poderia haver uma demanda por serviços de hospedagem, que conseqüente o afetaria, melhora o município como um todo” “Porque é bom pro comércio” “Pode trazer novas oportunidades e dinheiro para a cidade” “Oportunidades geração de renda” “Geração de emprego, recursos e renda” “Traz mais dinheiro” “Ajudar a desenvolver a cidade” “Surgiria mais emprego” “Melhoria o ambiente social e financeiro” “Valorização da região”*.

Assim sendo uma forma de inserção da atividade turística a se implementar aí, é uma atividade turística que viabilize a promoção de práticas interculturais por meio da interação dialógica com os visitantes, e que ao mesmo tempo, crie alternativas de geração de renda para a comunidade a partir do desenvolvimento “de práticas ambientalmente sustentáveis baseadas nos princípios do turismo de base comunitária” (Silva, Garcés, Azevedo, 2013, p.16).

Tal atividade poderia se constituir numa alternativa viável para as comunidades que o praticam, viabilizando a difusão de informações sobre os povos tradicionais, e sua relação com a Natureza, na sociedade envolvente.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados fornecidos foi preliminar e levou a conclusão de que a Comunidade de Alto dos Bois possui um grande potencial turístico. Diante de algumas respostas, percebe-se uma confiança de que o turismo pode levar benefícios ao local e desenvolver não somente economicamente, mas também socialmente a comunidade.

Assim sendo diante valorização dos elementos que constituem a paisagem cultural das populações tradicionais no Vale do Jequitinhonha, e mais especificamente da região de Alto dos Bois, verifica-se também que a dimensão cultural vai além da compreensão das práticas e valores tradicionais. Faz-se necessário compreender os desdobramentos políticos que se interconectam com essas paisagens, as relações sociais e de Poder que incidem no território local.

Nesse sentido as paisagens culturais devem ser compreendidas não apenas através do reconhecimento dos signos e significados que as compõem. É necessário compreender suas sutilezas e meandros, a dimensão política e as práticas direcionadas às relações de Poder, sejam elas de articulação interna ou externa. Assim, acredita-se que o conceito de paisagem cultural, relacionado às comunidades tradicionais, incide em uma abertura para novas políticas públicas, além de propiciar o desenvolvimento local, tendo como referencia os elementos que compõem as peculiaridades socioculturais das comunidades, que devem ser guiadas a partir da percepção e dos anseios das populações locais.

Dessa maneira, a implantação de projetos, deve ser elaborada de maneira integrada, com a participação de todos os atores envolvidos, setor público, privado e comunidade local. E assim promover o bem-estar da comunidade voltado para melhorar a qualidade de vida local.

REFERÊNCIAS

Almeida, M. G de. (2013). Paisagens Culturais e Patrimônio cultural: Contribuições Introdutórias para reflexões. In Heidrich, A. L.; Costa, B. P. da; Pires, C. L. Z. (org). *Maneiras de ler: geografia e cultura* [recurso eletrônico]. (pp.186-194). Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura.

Almeida, M. G.; Vargas, M. A. M; Mendes, G. F. (2011 maio/agosto). Territórios, Paisagens e Representações: um diálogo em construção. *Mercator*, 10(22), pp. 23-35.

Berque. A. (1998). Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: elementos da problemática para uma Geografia Cultural. In *Paisagem, Tempo e Cultura*. (pp.84-91). Rio de Janeiro: EdUERJ.

Castro, D. G. (2004). *Significados do conceito de paisagem: um debate através da epistemologia da Geografia*. (Dissertação de mestrado) Programa de Pós-Graduação em Geografia da UERJ.

Claval P. (2002). A volta do Cultural na Geografia. *Mercator - Revista de Geografia da UFC*, 1(1). (pp.19-28).

Coriolano, L N. M. T.; Leitão, C. S.; Vasconcelos, F. P. (2009). Turismo, cultura e desenvolvimento na escala humana. In: Corrêa, M. L., Pimenta, S. M., Arndt, J. R. L. (Org.) *Turismo, sustentabilidade e meio ambiente: contradições e convergências*. (pp. 29-48). Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Corrêa, R. L & Rosendahl, Z. (1999). Geografia cultural: passado e Futuro: uma introdução. In CORRÊA, R.L. et al . *Manifestações da Cultura no Espaço*. (pp. 49-58). Rio de Janeiro: EdUERJ.

Cosgrove, D. (2012). A Geografia Está em Toda a Parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In Corrêa, R. L.; Rosendahl, Z. *Geografia Cultural: Uma Antologia*. (pp. 219-237). Rio de Janeiro: EdUERJ.

Deus, J. A. S de. (2012). Paisagens Culturais Alternativas e Protagonismo Etnopolítico de Comunidades Tradicionais no Hinterland Brasileiro. In Tubaldini, M. A. dos S.; Gianasi, L. M. *Agricultura Familiar, Cultura Camponesa e Novas Territorialidades no Vale do Jequitinhonha: Gênero, Biodiversidade, Patrimônio Rural, Artesanato e Agroecologia*. (pp. 35-50). Belo Horizonte: Fino Traço Editora.

Gontijo, B. M. (2001). *Implicações do plantio generalizado de eucaliptos no empobrecimento social e da biodiversidade do alto/médio Jequitinhonha – MG*. Boletim Paulista de Geografia, São Paulo. (pp. 57-77).

Grünewald, R. A de. (2002). A Reserva da Jaqueira: etnodesenvolvimento e turismo. In Riedl, M. et. al. (org.) *Turismo rural: tendências e sustentabilidade*. (pp.205-230). Santa Cruz do Sul (RS): EdUNISC.

Meneses, U. T B. de. (2002). A paisagem como fato cultural. In Yázigi, Eduardo (org.). *Paisagem e Turismo*. (pp.29-63). São Paulo: Contexto.

Nogueira, M. D P; Knauer, L. G.; Henriques, M. S. & Nogueira, A. B. *Lixo e Cidadania – Uma Experiência Inovadora no Médio Vale do Jequitinhonha/ Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG/ Pró-Reitoria de Extensão, 2007, 128 p.

Prefeitura Municipal De Angelândia. (2010c). *Fundamentação Histórica e Cultural da Sede da Fazenda Alto dos Bois*. Secretaria Municipal de Educação, Cultura, Esporte e Lazer / Divisão de Cultura / Setor de Patrimônio Cultural. Angelândia.

Prefeitura Municipal De Angelândia. (2000a). *Dossiê de Tombamento da Fazenda Alto dos Bois*. Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de Angelândia.

Rodrigues, L. M. de. (2013). *Paisagens culturais alternativas no Brasil contemporâneo e vivencia espacial da comunidade indígena Krenak do Sudeste (Vale do Rio Doce/MG)*. 307f.

Dissertação (Mestrado) Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Santos. M. E. G.; Camargo, P. M. (2008). *Comunidades Quilombolas de Minas Gerais no Século XXI - História e Resistência*. Belo Horizonte: Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva/ Autêntica Editora, 392 p.

Sauer, Carl O. (1998). A Morfologia da Paisagem. In Corrêa, R. L.; Rosendahl, Z. (Org.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. (pp.12-74). Rio de Janeiro: EdUERJ.

Sachs, I. (2004). *Desenvolvimento: includente, sustentável, sustentado*. Rio de Janeiro: Garamond.

Scanavinno Netto, &. Oliveira. J.A. (2008). *Amazônia/ Brasil*. São Paulo: Amazonia.Br.

Seabra, L. (2003). Turismo sustentável: planejamento e gestão. In cunha, S. B., Guerra, A. J. T. (Org.) *A questão ambiental: diferentes abordagens*. (pp. 153-190). Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil.

Silva, V. C. Garcés. C. L. L; Azevedo, F. F. (2013). O turismo de base comunitária como alternativa de desenvolvimento para a comunidade indígena de Las Casas/ Pará – Brasil. In COLÓQUIO: TURISMO EM TERRAS INDÍGENAS, 1, 2013, Goiânia, *Anais...* Goiânia, UFG/ UFMG/ UnB/ UFT, CD-ROM, p. 1-16.

Soares. G.C. (2000, julho) Vale do Jequitinhonha: Um Vale de Muitas Culturas. *Cadernos de História*, Belo Horizonte, 5(6) 17-22.

Swarbrooke, J. (2000). *Turismo Sustentável: Conceitos e impactos ambiental* – São Paulo: Aleph.

Vigna, A. (2006). *Em nome da Natureza*. (M. Helaine, Trad.) . *Le Monde Diplomatique*, Paris, pp. 1-7.